

NOTAS SOBRE O ESTUDO DOS GÊNEROS DISCURSIVOS NA TEORIA BAKTINIANA

Ananias Agostinho da SILVA (UERN)¹

Débora Caruline Pereira SILVA (UERN)²

Ilderlândio Assis de Andrade NASCIMENTO (UFPB)³

Resumo: Baseados em estudos referentes a conceitos enunciativos-discursivos e impulsionados pelas mudanças ocorridas em relação ao ensino/aprendizagem das línguas, percebemos que os estudos acerca teoria enunciativa de Bakhtin vêm sendo importante fonte de análise interpretativa entre muitos estudiosos. Assim, neste trabalho, tem-se como objetivo realizar uma discussão sobre as questões ligadas ao estudo sobre gêneros discursivos na concepção bakhtiniana objetivando discutir sobre algumas questões teóricas e metodológicas presentes no ensino desses gêneros, abordando questões ligadas à relação de gênero com outros conceitos como: ideologia, enunciado e discurso. Como aporte teórico, nos fundamentamos nos estudos sobre gêneros discursivos apresentados por Bakhtin (1999), (2003); Salete (2000) e Rodrigues (2004).

Palavras-chave: Gêneros Discursivos; Ensino de gêneros discursivos; Teoria Bakhtiniana

1. INTRODUÇÃO

Mikhail Bakhtin tem sido um dos principais alvos de estudo de pesquisadores e estudantes que optam pela análise de gêneros discursivos em situações concretas de uso da linguagem. Os trabalhos de Bakhtin, assim, têm sido utilizados por vários pesquisadores e estudiosos da linguagem, e podemos observar a diversidade de problemáticas ligadas à relação de gênero e outros conceitos.

Neste trabalho, tem-se por objetivo apresentar algumas questões ligadas ao estudo dos gêneros discursivos na perspectiva teórica bakhtiniana. Enfatizamos algumas

¹ Possui graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2010). Mestre em Letras, na área de concentração em Estudos do texto e do discurso, por esta mesma universidade (2012). Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área de concentração em Linguística.

² Graduanda em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

³ Possui graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2014). Mestrando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba.

problemáticas referentes à concepção de gênero discursivo, interligado a outros conceitos como, por exemplo: ideologia, enunciado e discurso.

Dito isso, convém dizer que organizamos a presente discussão da seguinte forma: primeiramente, apresentaremos a noção de gênero discurso; em seguida, discutiremos as características do enunciado concreto; logo depois, discorreremos brevemente sobre a produção dos gêneros discursivos e; por último; teceremos algumas considerações finais.

2. NOÇÕES DE GÊNERO DISCURSIVO

De acordo com a noção de gênero discursivo apresentada por Bakhtin (1999), a linguagem é um fenômeno social, histórico e ideológico. Diante disso, esse autor define os gêneros discursivos como formas de enunciação que são elaboradas de acordo com um determinado campo de comunicação verbal. Isso se remete a interação existente entre tempo, espaço, formação discursiva, entre outros.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (BAKHTIN, 2003; p. 261)

Conforme depreendemos desses dizeres, os gêneros discursivos são diversos porque diversos são os campos da atividade humana. Os gêneros são encontrados, então, nas diferentes esferas sociais, integrando e organizando as atividades sociais. Tais gêneros discursivos, portanto, não devem ser dissociados dos campos onde são produzidos, já que fazem parte desses campos.

Ademais, ao estudarmos os gêneros discursivos não podemos deixar de mencionar o papel dos sujeitos sociais. Numa concepção bakhtiniana, a enunciação remete a interação verbal existente entre falantes de uma língua (locutor e interlocutor). Nessa perspectiva, “o centro organizador de toda a enunciação, de toda a expressão, não é interior mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo.” (BAKHTIN, 1999; p. 118).

Sobre esse papel dos sujeitos na produção dos gêneros discursivos é pertinente o que diz Salete (2002). Segundo ela:

(...) as palavras de um falante estão sempre atravessadas pelas palavras do outro: o discurso elaborado pelo falante se constitui também do discurso do outro que o atravessa, condicionando o discurso do locutor. O dialogismo é a característica do funcionamento discursivo em que se encontram presentes várias instâncias enunciativas. É a presença destas várias instâncias que constitui a dimensão polifônica do discurso. (SALETE, 2002; p. 3)

Os enunciados estão ligados impreterivelmente pela composição de palavras originadas em um discurso. No processo de construção do enunciado é necessário considerarmos as condições em que está inserido: meio social, relação entre interlocutores, campo da atividade humana, finalidades comunicativas, conteúdo temático, entre outros.

As esferas comunicativas, assim denominadas por Bakhtin, estão divididas em duas partes: esferas do cotidiano (íntimas, familiares...) nas quais formam os gêneros primários. E as esferas ideológicas, que englobam diferentes níveis, desde a formação religiosa até a formação política e social, e estas, dão origem assim aos gêneros secundários. Os participantes ocupam seu determinado lugar na esfera dependendo do lugar social em que está inserido. Assim, podemos considerar os gêneros como enunciados estáveis, e que caracterizam-se, principalmente por seu conteúdo temático, composicional e estrutural.

3. CARACTERÍSTICAS DO ENUNCIADO-CONCRETO

Sabemos que existem diversas esferas sociais de comunicação, dentre elas podemos citar: esfera cotidiana, religiosa, jornalística, entre outros. Assim, dependendo da esfera comunicativa em que o falante está inserido, ele produz seu enunciado considerando fatores extraverbais, como a relação que pretende estabelecer com os interlocutores, considerando o que objetiva descrever, e conclui assim seu enunciado.

a alternância dos falantes, numa situação específica, dentro dos seus propósitos discursivos, constitui-se pelo fato de que o falante concluiu o que objetivara dizer (dixi conclusivo), termina seu enunciado, e, assim, cede a palavra ao outro, o interlocutor (imediate ou não), para dar lugar a sua

compreensão ativa, a sua postura de resposta. A troca de sujeitos discursivos emoldura [“enmarca”] o enunciado, estabelece suas fronteiras e cria sua corporeidade específica em relação aos outros enunciados vinculados a ele. (BAKHTIN; 1999, p. 30).

A partir desse trecho, percebemos que uma das características do enunciado é a alternância dos sujeitos. Ou seja, todo enunciado pede sempre um outro enunciado como resposta e ele mesmo já nasce como resposta a outros enunciados existentes. Desse modo, não existe um discurso adâmico, original, livre de outros discursos. Todo enunciado é produzido como prolongamento de outros enunciados. A figura da corrente ilustra bem essa característica: o enunciado é um elo da corrente e está sempre ligado a outros enunciados que o precedem e o sucedem:



A noção de gênero apresentada por Bakhtin reflete positivamente na concepção de enunciado em que ele constrói, abrindo portas para diversos projetos e gêneros discursivos presentes em diversos programas de ensino e aprendizagem, em que o professor poderá ampliar em sala de aula. Diante disso, um bom enunciado é construído por expressividade e, também, por relações inextricáveis referentes à suas dimensões verbais e sociais.

Schneuwly e Dolz (1999; p. 10) reiteram que:

toda introdução de um gênero na escola é o resultado de uma decisão didática que visa a objetivos precisos de aprendizagem que são sempre de dois tipos: trata-se de aprender a dominar o gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo, melhor produzi-lo na escola e fora dela, e, em segundo lugar, para desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e que são transferíveis para outros gêneros.

Diante disso, o estudo dos gêneros discursivos em sala de aula precisa considerar muito mais do que fatores linguísticos e estruturais. Retirar o gênero de sua situação de uso e utilizá-lo como objeto de ensino pode levar à perda de suas características funcionais e interativas. O estudo de gêneros na escola, a forma como os professores lidam com os objetivos desse estudo, precisa ser uma forma pela qual o aluno possa conhecer a funcionalidade da linguagem nas diversas situações sociais.

4. A PRODUÇÃO DOS GÊNEROS DISCURSIVOS

A produção de determinado gênero discursivo sempre é dada dentro de uma situação interativa. E isso exige o conhecimento daquilo que rege essa situação comunicativa como, por exemplo, o nível de formalidade, o gênero adequado para alcançar determinados objetivos, a relação entre os interlocutores.

Assim, ao trabalhar com os gêneros discursivos, o professor precisa apresentar ao aluno os aspectos verbais e não verbais envolvidos na construção dos gêneros discursivos. Desse modo, ele passa a compreender, ler e identificar as principais características de um gênero. Em disciplinas de produção textual, por exemplo, o professor pode elaborar formas de compreensão e produção de gêneros discursivos. Imaginemos o gênero discursivo como resumo: este possibilita de forma simples, a exteriorização de diferentes pontos de vista construídos a partir de diversas situações.

(...) o resumo escolar pode assim, ser considerado uma variação de um gênero ou de um conjunto de gêneros tão variado quanto a ficha de leitura, o resumo incitativo e a resenha oral de um filme. Isso permite, por um lado, tratar e analisar o resumo, da perspectiva do gênero ao qual pertence a extensa gama dos resumos e descrever técnicas de escrita, no sentido mais amplo do termo, que são próprias às variações deste gênero e, por outro lado, definir sua especificidade em relação às outras variações. (SCHNEUWLY, B. DOLZ, J. 1999, p. 15)

Para França (2000; p. 69) O resumo é “[...] a apresentação concisa e seletiva de um texto, ressaltando de forma clara e sintética a natureza do trabalho, seus resultados e conclusões mais importantes, seu valor e originalidade”.

Lakatos & Marconi (1992) relatam que:

o resumo consiste na apresentação concisa e seletiva de um texto, destacando-se os elementos de maior interesse e importância, isto é, as principais ideias do autor da obra, permitindo a quem o ler resolver sobre a consulta, ou não, ao texto completo. Já os manuais de redação instruem que um resumo deve ser construído em uma forma discursiva, concisa e coesa, apresentando conclusões e objetivos referentes ao assunto

Desse modo, diversos tipos de ideias podem ser adquiridas a partir de um resumo. Sem contar que é um gênero que solicita do enunciador uma ação sobre o dizer de um outro autor, de um outro sujeito. Resumir implica reformular, parafrasear um outro discurso, considerando o discurso resumido o outro com quem o autor interage. Ao mesmo tempo, a construção de resumos exige uma postura autoral por parte dos sujeitos produtores.

Em um contexto discursivo, a ideologia está inteiramente ligada aos estudos de Bakhtin e seu círculo. Assim, “a ideologia é o sistema sempre atual de representação de sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados”. (MIOTELLO, 2005, p. 176). As ideologias são assim uma representação discursiva de um enunciado.

5. CONCLUSÃO

Os estudos de Bakhtin sobre os gêneros discursivos trazem uma contribuição singular para os estudos da linguagem. Nesta breve discussão procuramos apresentar noções basilares que envolvem os gêneros discursivos. Entendemos que o trabalhar com os gêneros discursivos em sala de aula possibilitam ao aluno conhecer, mesmo com as limitações decorrentes da extração do gênero da situação de uso natural, as formas reais de funcionamento da linguagem nas diversas esferas de comunicação humana.

Ao se apropriar dos gêneros discursivos, os alunos estarão se apropriando das formas comunicativas de ação por meio da linguagem. Cabe à escola buscar desenvolver essa capacidade através de conteúdos aplicados em sala de aula, os quais se transformarão em conhecimento e capacidade, possibilitando o aluno a atuar em diferentes contextos. Como afirma Rodrigues (2000, p. 207), a escola não pode continuar construindo “modelos de gêneros que não encontram referência nas práticas de linguagem escrita fora da sala de aula”.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. M. **O problema dos gêneros discursivos.** In: Estética da criação verbal. Tradução Paulo Bezerra . São Paulo: Martins Fontes. 1999.

BAKHTIN, M. M. **O problema dos gêneros discursivos.** In: Estética da criação verbal Tradução Paulo Bezerra . São Paulo: Martins Fontes. 2003

FRANÇA, J.L. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas.** 4.ed. rev. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2000.

LAKATOS, E.V, MARCONI, M. **Metodologia do trabalho científico.** 4..ed. São Paulo: Atlas. 1992

RODRIGUES, B.B. **Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações.** 1998 - Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC – Florianópolis.

SALETE, M. **Gênero(s) resumo na perspectiva bakhtiniana.** Universidade do Estado de Santa Catarina- UESC, 2000.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. **Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino.** Revista Brasileira de Educação – ANPED, no 11. 5-16. 1999.